

# A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

## Sumário:

O Porto de Santos e a Exportação de Café .....	1
Preços no Interior .....	6
Mercados e Preços .....	7
A Argentina Exportará Trigo em 1952 ? .....	10
Situação da Pecuária .....	11
O Arroz do Brasil e o Mercado Mundial .....	13
O Estudo de uma Granja de Leite tipo B ....	19
Situação da Lavoura .....	27
Importação e Exportação pelo Porto de Santos .....	31/33

A N O I

Nº 8

N O V E M B R O DE 1951

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL  
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL  
SECRETARIA DA AGRICULTURA  
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 3083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Eng.º Agr.º, Roy Miller Paiva

SECCOES

POLITICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Eng.º Agr.º Roy Miller Paiva (chefe)

Eng.º Agr.º Salenão Sabatini

PREVISÃO DE SAFRAS E ORDAMENTO

Eng.º Agr.º Mario Zaroni (chefe)

Eng.º Agr.º Oswaldo Baptista da Costa

MERCADOS E PREÇOS

Eng.º Agr.º Rubens de Araujo Dias (chefe)

Eng.º Agr.º Constantino Carneiro Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Eng.º Agr.º Oscar J. T. Batori (chefe)

Eng.º Agr.º Fernando R. Gomes Junior

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Eng.º Agr.º, Mario S. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Eng.º Agr.º, Nelson Schmidt

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Impresso na

Diretoria de Publicidade Agrícola

Brasil

19/Novembro/1951

# A POSIÇÃO DO PORTO DE SANTOS NA EXPORTAÇÃO

## DE CAFÉ

Assunto que vem ultimamente apaixonando o mundo cafeeiro de São Paulo é o da posição de Santos no Comercio de exportação de café.

Constata-se que tem caído a porcentagem com que esse porto participa no volume da exportação total do país, conforme mostra o quadro abaixo:

### EXPORTAÇÃO DE CAFÉ (sacas 60 Ks)

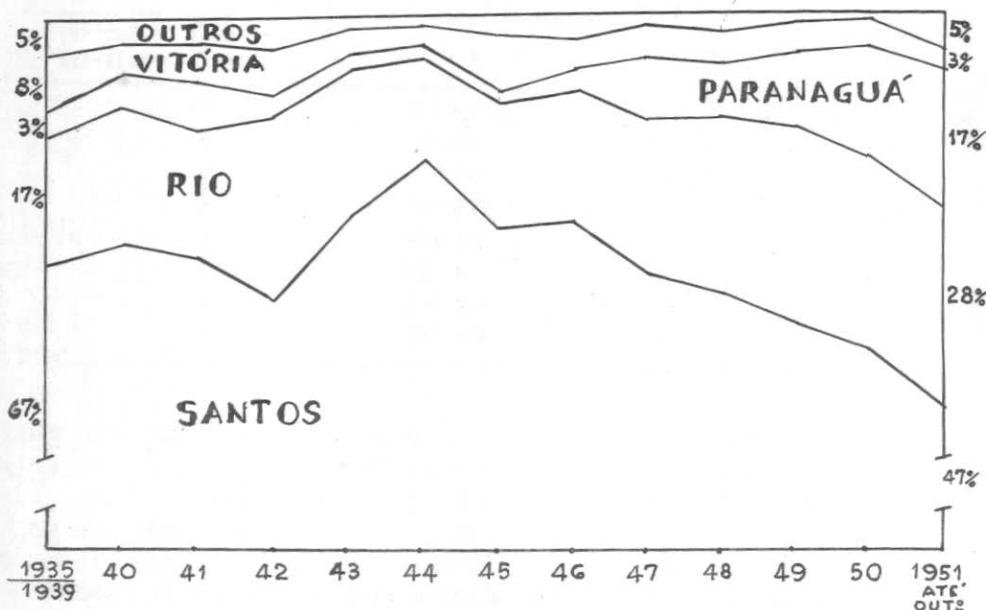
AN O	BRASIL	SANTOS	Participação de Santos na exportação brasileira
Média 1934/42	11.719.615	7.879.326	67%
" 1943/46	13.363.910	10.021.350	75
1946	15.504.581	11.437.981	73
1947	14.830.064	9.772.999	66
1948	17.492.324	11.223.000	64
1949	19.368.993	11.439.756	59
1950	14.834.885	8.377.062	56
1951 (ja.out.)	13.025.479	6.105.325	47

As explicações propostas para esse fenômeno são muitas; algumas razoáveis, outras não. Pretendemos discutir esse problema detalhadamente, em vista da importância que ele vem assumindo no cenário nacional, uma vez que elementos menos informados insistem em confundir-los com uma simples questão de defesa regional de um porto, esquecendo-se de que o assunto diz respeito essencialmente a defesa dos preços do café, quer produzido em São Paulo, quer produzido nos demais Estados do Brasil.

Uma das explicações apresentadas para a queda da participação de Santos na exportação de café do país e que foi aceita por parte da imprensa da Capital, é que tal diminuição seria um simples reflexo de fato já discutido, que é o da mudança do centro da produção cafeeira para o Norte do Paraná. Todavia, essa explicação deixa de satisfazer, quando se considera que o porto do Rio, apesar de servir uma região de pro -

dução mais decrescente do que a de São Paulo, tem mostrado grande aumento na participação das exportações. Conforme o gráfico abaixo referido, a contribuição do Rio, que era de 17% no período de 1935/39, aumentou para 28% de janeiro a outubro de 1951, enquanto que a de Santos, nos mesmos períodos, caiu de 67 a 47%.

**PARTICIPAÇÃO DOS PORTOS  
BRASILEIROS NA EXPORTAÇÃO DE CAFÉ**



Além disso, constata-se que também ocorre certa trans-ferência de café que, em lugar de descer para Santos, passa a gora a se dirigir para outros portos. No período de 1935/36 a 1945/46, do café entrado no porto de Santos, 9,1% provinha de Minas e 1,7% do Paraná. E, em 1950/51, devido ao aumento da produção do Norte do Paraná, as porcentagens de Minas e Pa-raná foram de 4,2% e 7,7%, respectivamente. Agora, nos quatro primeiros meses da safra comercial 1951/52, as porcentagens provenientes destes Estados são de 0,9% e 0,7%, respectivamente. Aliás, desvios idênticos constata-se com o café produ-zido em São Paulo. Na safra 1949/50, foram enviados a outros portos, 5,8% de café produzido em São Paulo, enquanto que na safra 1950/51 essa porcentagem aumentou para 15,3%.

Dêsse modo, não há razão para se admitir que toda a queda da exportação de Santos seja motivada pela deslocação do centro de produção. Se está havendo transferência de cafés, a razão deve ser encontrada no fato, de outros portos apresentarem condições mais favoráveis ao comércio do produto, do que Santos. Somente assim é que se explica essa transferência de cafés.

Foram apontados diversos fatores como responsáveis por essas condições desfavoráveis da praça de Santos. Assim é que se culpou o aumento dos impostos de vendas e consignações a que o porto de Santos ficou sujeito. Ainda que esse aumento de impostos tivesse encarecido as transações necessárias para a formação de lotes, não se pode, porém, aponta-la como causa de maior importância. E a prova é que, recentemente, quando ficaram isentas de imposto de vendas e consignações as operações internas da praça de Santos, destinadas a formação de lotes de exportação, não se notou modificações sensíveis de situação.

Culpou-se também a demora a que está sujeito o café despachado para Santos. Devido ao regime de liberação, instituído com o fim de ordenar a entrada em todos os portos do país, o café destinado a Santos sofreu uma retenção que pode atingir de 9 a 11 meses, enquanto que nos demais portos, por ser pequeno o afluxo desse produto, não há demora alguma.

Não há dúvida que essa demora coloca o porto de Santos em situação desvantajosa em relação aos demais portos. Se os acréscimos de juros e as despesas de armazenagem a que os cafés embarcados para Santos ficam sujeitos (devido ao tempo que permanecem retidos), são superiores em agio que recebem por serem embarcados para Santos, é natural que se procure desviar o produto para outros portos. É verdade que sempre houve essa demora, mas é agora que a retenção se refere a despesas de juros de 1.200 cruzeiros e não mais as de 500 e 600 cruzeiros, como era em 1948/49. Essa demora explica que os produtores e certos comerciantes tenham interesse em desviar o produto, por que poderão desse modo obter melhor preço. Mas esse desvio de café explica apenas em parte, a diminuição de exportação que o porto de Santos vem sofrendo. O fato de Santos ter deixado de completar suas cotas de exportação, apesar de dispor de café estocado para isso, enquanto os demais portos conseguem exportar todo o café de que dispõem, não pode ser explicado por esse desvio do produto, o que se constata e que os importadores estão desinteressados em fazer negócios em Santos, e isso porque en-

Contram no Rio e em Paranaguá, a preços inferiores, o produto que desejam.

Mas isso não quer dizer que os preços sejam inferiores devido ao fato do café estar aí, sujeito a menor espera. Em condições normais, o que aconteceria num mercado sujeito a essa demora, seria apenas uma proporcional queda dos preços pagos aos produtores. Isto é, aqueles das zonas servidas por Santos teriam entre os preços recebidos pelo seu café, posto interior e os preços "Fob" Santos, uma margem maior do que a que teriam os produtores situados nas zonas servidas pelos portos onde não houvesse demora, desse modo, os preços nos portos de Santos, Rio e Paranaguá, seriam iguais (isto é, incluiriam apenas as diferentes normas, devido a diferença de qualidade) e, por conseguinte, o interesse dos comerciantes para exportar café seria identico, quer fosse em Santos, Paranaguá ou Rio.

Quais então as razões dos produtos estarem sendo encontrados a preços inferiores nos demais portos?

Diversas razões foram lembradas para explicar essa situação. Assim é que, devido aos níveis atuais de preços, os Estados Unidos estariam mais interessados em cafés mais baratos e daí, a razão de procurarem o produto de outros portos, ainda que com isso, adquirissem cafés de qualidade inferior.

Também foi lembrado que estaria ocorrendo um movimento de resistência por parte dos vendedores de Santos, que não desejariam entregar o café a preços que não fossem considerados satisfatórios.

É difícil comprovar objetivamente esse movimento de resistência, mas ele é de conhecimento dos que operam em Santos. Sabe-se que os produtores não querem dispor de seu café a preços inferiores aos que consideram necessários para cobrir o aumento de custo que vem sofrendo; e, nessa posição de resistência, têm sido auxiliados pela elevação da renda que obtiveram com o aumento de preço nos últimos dois anos. Os comerciantes mostram também certa resistência em vista da posição estatística do produto, que melhorou com a queda do rendimento na última safra. E dizem mesmo que, recentemente, o governo do Estado estaria apoiando firmas que agem na praça de Santos, em contraposição as correntes baixistas dos importadores americanos, no

sentido de manter as cotações do produto a níveis correntes com o preço teto americano.

Aliás, a política do governo federal tem contribuído para reforçar o movimento de resistência da praça de Santos, através de diversas medidas, tais como: a instituição dos preços mínimos de exportação, financiamento do produto em Santos e, ultimamente, a instituição do sistema de cotas para a exportação, cuja finalidade é, exclusivamente, evitar que outros portos possam durante os meses de safra, oferecer a venda grandes volumes de produtos que venham derrubar os preços.

Dêsse modo, chega-se à conclusão que a razão principal do porto de Santos estar perdendo sua posição no comércio de exportação de café, encontra-se na política de defesa de preço que esta sendo feita nessa praça.

A vista dessa conclusão, resta apreciar se essa política de defesa de preços executada em Santos, apresenta-se como medida vantajosa para os interesses do Estado e do país, uma vez que dificulta a exportação do produto por esse porto.

A posição estatística do café é muito boa e os interesses baixistas dos americanos são grandes, conforme atestam a instituição do preço teto e o inquerito Gillette. É necessário, pois, que se defendam os preços do café, e, se não existe, um órgão oficial para executar essa defesa, é natural que o Governo providencie os meios para que ela possa ser perfeita, de outra forma.

O fato de estar sendo feito atualmente por firmas particulares de ter a sua diretriz traçada segundo critério que não chega ao conhecimento dos interessados, é criticável; pois, a sua execução, dêsse modo, foge à fiscalização dos agricultores. Mas, parece não haver dúvida, que a agricultura e a economia geral do país, terão, com isso, ainda maior proveito do que prejuízo.

Todavia, é necessário não esquecer que, para colher êsses benefícios, é necessário que as cotas sejam respeitadas. Se Rio e Paranaguá obtiverem cotas extras para suas exportações, essa defesa de preços pode ser desfeita. E, disso resultará prejuízo que atingirá não só os vendedores de Santos, como os produtores de todos os Estados, que ficarão, assim, com os seus preços não defendidos; isso refletirá inclusive na economia da nação e sofrerá os seus efeitos na balança de pagamentos com o estrangeiro.

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL  
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES  
MÊS DE OUTUBRO DE 1951 <sup>x</sup>

PRO DUTOS AGRICOLAS	ARRÔS		FEIJÃO MILHO		CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM MAMONA		BATATA
	Em casa Se.60 K	Benef. 60 Ks.	Se. de 60 Ks.	Se. Em 60 K. Se.40K	Benef. Se.60 K.	Por Arreba	Em casa Se.25 Ks	Por Quilo	Se. de 60 Ks.	
Arroz	94,30	176,50	132,30	65,30	312,80	1.042,50	85,00	61,00	3,50	105,00
Amendoim	112,40	202,70	144,30	76,30	303,80	1.044,80	81,00	53,40	3,75	123,00
Mamona	102,70	191,50	136,60	71,70	312,70	1.000,40	100,00	-	3,67	120,00
Batata	111,90	199,50	147,40	76,00	301,50	1.017,00	89,50	57,40	3,40	148,00
Algodão	111,30	188,00	164,10	73,10	297,40	1.030,90	88,30	53,60	3,35	82,60
Amendoim	129,70	189,10	156,60	98,80	310,10	1.030,90	106,90	65,00	-	112,20
Mamona	103,10	194,50	160,50	76,70	-	-	93,30	-	-	154,00
Batata	119,40	208,60	146,70	82,50	300,00	1.050,00	-	85,00	4,00	125,00
Algodão	120,50	190,70	121,30	79,90	306,60	1.044,60	100,50	61,10	3,63	83,40
Mamona	125,50	205,90	164,80	86,40	300,00	1.012,60	177,70	-	-	137,30
Batata	114,30	196,90	176,40	81,20	331,80	1.048,40	101,70	65,00	-	86,80
Algodão	104,20	174,50	115,50	61,30	301,40	1.050,50	97,40	56,90	3,91	68,60
Mamona	112,60	188,80	158,10	76,20	300,50	1.025,60	86,00	55,00	3,47	85,00
Batata	109,50	180,50	140,40	64,90	313,60	1.034,70	84,40	63,10	3,60	100,00
Algodão	102,70	227,40	152,00	101,60	320,00	1.020,00	-	-	-	133,90
Mamona	120,50	197,50	170,00	110,80	-	-	-	-	-	150,00
Média Estado Set. 951	111,50	190,00	144,30	78,30	307,30	1.031,40	93,80	58,60	3,65	106,50
Set. 51	106,40	186,50	135,30	73,40	306,60	1.026,40	90,20	56,20	3,30	122,20
Ago 51	99,40	169,50	135,50	70,60	298,10	1.030,10	77,50	52,20	3,09	163,10
Jul 51	100,60	172,70	145,70	70,40	289,40	1.009,10	79,60	52,20	3,66	185,00
Jun 51	100,20	175,60	162,00	67,90	294,00	1.037,30	106,20	52,50	4,10	209,60
Mai 51	99,90	172,40	190,80	67,50	312,90	1.085,20	141,90	52,80	4,07	200,20
Abr 51	93,00	172,80	170,00	68,00	310,50	1.080,50	126,40	53,70	3,99	183,90
Mar 51	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,90
Fev 51	97,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,90
Jan 51	102,70	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,70
Dez 50	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,90
Nov 50	111,40	193,40	137,30	61,80	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,60
Out 50	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,70	2,86	214,50

Os dados de Outubro sujeitos a revisão posterior - Coletados pela Seção de Mercados e Preços.

## MERCADOS E PREÇOS

Café: Avolumaram-se, em outubro, as exportações de café, tanto por Santos como pelos outros portos cafeeiros.

Nesse mês saíram por Santos 761.530 sacas, isto é, mais de 178 mil sacas do que em setembro; o Brasil exportou em outubro 1.765 sacas, a maior quantidade exportada num mês, no corrente ano. Como vemos, Santos, apesar das modificações introduzidas no Regulamento de Embarques, viu aumentado o seu movimento exportador.

O porto do Rio, exportou em outubro 615.614 sacas, ou seja, o maior volume até hoje saído por esse porto, num mês, sendo essa quantidade superior a prevista por nós, em comentário anterior (Bol. nº 7, pag. 19). Isso porque continua o porto do Rio a utilizar os saldos não exportados por Vitória; alias, não foi dada publicidade a qualquer modificação do Regulamento de Embarques, que viesse permitir transferências desta natureza.

Conforme se verifica no quadro I, o Rio vem se utilizando de parte da cota de Vitória, desde agosto, sendo que, com as exportações de outubro, completaram-se as cotas dos dois portos nos quatro primeiros meses da safra 1951/52.

QUADRO I  
EXPORTAÇÃO DE CAFÉ POR VITÓRIA E RIO  
Sacas de 60 quilos

SAFRA	RIO	VITÓRIA	TOTAL	TOTAL ACUMULADO	Cota conjugada das duas partes
51/52					
Julho	218.061	53.145	334.206	334.206	495.000
Agosto	409.982	77.304	487.286	821.492	990.000
Setembro	530.590	71.030	601.620	1.423.112	1.485.000
Outubro	625.614	53.709	609.323	2.092.435	2.080.000

Em outra secção deste Boletim, foi acentuada a importância do sistema de cota e a necessidade de sua integral exa

cuçac.

Não se registraram alterações sensíveis nos preços de café, em Santos. A média mensal do tipo 4 mole, no disponível, foi de Cr.\$ 195,10 por 10 quilos, enquanto que no mês anterior havia sido de Cr.\$ 195,37. Esse mesmo tipo, entre o principio e o fim do mês, sofreu uma baixa de 1 cruzeiro por 10 quilos. No mercado de entregas diretas houve quedas mais acentuadas, sendo de Cr.\$ 1,50, Cr.\$ 2,00, Cr.\$ 3,50, Cr.\$ 2,50 e Cr.\$ 1,50 respectivamente, para o mês presente, novembro/dezembro, janeiro/junho 1952, julho/dezembro 1952 e janeiro/junho 1953.

Os preços médios recebidos pelos lavradores continuaram firmes em outubro, apresentando pequenos aumentos em relação aos do mês anterior; os preços vigentes em outubro foram de Cr.\$ 307,30 por sacco de 40 Kg em coco e Cr.\$ 1.031,40 por sacco de 60 Kg beneficiado.

Algodão: As cotações de algodão na Bolsa de Mercadorias, que na primeira quinzena de outubro mantiveram-se estáveis, apresentaram a seguir, sucessivas altas. Assim, o tipo 5, no disponível, esteve cotado a Cr.\$ 306,00 por arroba, no dia 1<sup>a</sup>; passou a Cr.\$ 369,00 no dia 31, acusando portanto uma alta de 63 cruzeiros. No termo, ocorreram oscilações semelhantes, havendo altas que variaram de 56 a 65 cruzeiros.

Essa alta explica-se, em parte, pelas notícias da escassez do algodão produzido no nordeste brasileiro. Mas, de outro lado, é preciso não esquecer que existe uma pressão altista muitíssimo forte no mercado, conforme é do conhecimento geral. De modo que se torna difícil dizer se há fundamentos econômicos para a atual posição de preços elevados, isto é, se se encontra apoio na relação da oferta e procura do produto.

Os dados estatísticos disponíveis, a não ser em São Paulo, são diferentes, tanto os que se referem à produção, como os remanescentes das safras anteriores. A imprensa tem noticiado as mais variadas estimativas para a produção do nordeste, chegando-se mesmo a calcular toda a produção dessa região, em 50 mil toneladas de algodão em pluma. No entanto, os dados preliminares da 1<sup>a</sup> estimativa, feita pelo I.B.G.E., nos dá como 100.028 toneladas, a colheita, nesta safra dos

Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Confirmando a falta de informações seguras sobre a posição estatística do produto, no Brasil, vemos que os industriais solicitam a licença para importação de algodão de fibra longa, enquanto os círculos algodoeiros do Nordeste combatem a medida, afirmando que o suprimento é suficiente para atender as necessidades do mercado interno.

Quanto ao suprimento mundial do algodão, a situação apresenta-se ainda satisfatória, embora tenham ocorrido modificações em certas regiões produtoras. A safra americana, que inicialmente era calculada em mais de 17 milhões de fardos, acha-se reduzida a 15.771.000 fardos; também esperam-se quebras na produção do Egito, Turquia, Síria e Índia.

Em vista dessas reduções, explica-se que a atual safra mundial atinja cerca de 34 milhões de fardos, sendo de 33 milhões, o consumo previsto. Se tal situação se confirmar, teremos o "carry over" mundial em 1º de Agosto de 1952, aumentado de 1 milhão de fardos em relação ao de um ano atrás, ou sejam de 12,8 milhões de fardos ( ver Bol. nº 5, pag. 12).

Como reflexo dessas quebras, o mercado americano regiu nestes primeiros dias de novembro, admitindo-se já, em certos círculos, que venha a ser atingido naquele mercado, o preço teto, que é de 46,06 cents por libra, ou sejam 282,58 cruzeiros por arroba.

As repercussões de tais modificações na situação do produto sobre o mercado de São Paulo são difíceis de serem medidas; em primeiro lugar, porque os preços de São Paulo estão em níveis bem mais elevados que os do algodão norte-americano. Assim, se em fins de outubro o ágio era de pouco mais de 50 cruzeiros por arroba em pluma, agora, em meados de novembro, já atinge mais de 100 cruzeiros. E, em segundo lugar, porque, a vista de tal diferença de preços e das dificuldades de dólares, a possibilidade da exportação de nossos produtos depende da política algodoeira americana, que determina a quantidade exportável e a forma de pagamento dos produtos.

Segundo notícias recentes, círculos oficiais de Washington consideram improvável o estabelecimento de controle de exportação, mesmo depois da anunciada diminuição na produção. De outro lado, esses mesmos círculos calculam que, os

países importadores disporão de cerca de 14% mais de dólares que no ano anterior; tais fundos ainda serão reforçados por créditos concedidos pelo Banco de Exportação e Importação, para a compra de algodão americano.

Banana: Diminuíram, em outubro, as exportações de banana por Santos. Nesse mês foram embarcados pelo porto paulista 667.927 cachos, sendo que 636.007 para a Argentina e 31.920 para o Uruguai. Conforme era esperado, aumentaram as saídas para a Argentina.

A paralização dos embarques para a Inglaterra foi de vida, principalmente, ao congestionamento do porto de Santos, que atrazou a remessa das últimas partidas que deverão ser enviadas para esse país, dentro do acordo comercial existente.

É de grande importância para a economia dos nossos fruticultores, que na elaboração do novo acordo comercial com a Inglaterra, seja novamente incluído esse produto.

#### A ARGENTINA EXPORTARÁ TRIGO EM 1953?

Segundo notícias recém colhidas em Buenos Aires, por um dos técnicos desta Subdivisão, o fracasso da próxima safra de trigo, cuja colheita deverá ser iniciada agora em novembro, está preocupando seriamente os

Safras começando em dezembro;	Suprimento "Carry over" inicial	Produção (1.000 ton.)		Consumo (1000 t)	Disponível Exportação e "carry over" (1000 t)
		Produção	Total		
1935/39	1.361	6.042	7.403	2.803	4.599
1943/43	4.572	6.396	10.968	3.293	7.675
1948/49	1.769	5.198	6.967	4.191	2.776
1949/50	1.361	5.171	6.532	3.510	3.021
1950/51	408	6.046	6.454	3.538	2.916

FONTE: B.A.E. (USDA) e Dirección Nacional de Granos y Elevadores (R.A.)

interessados da Argentina. Já se fala mesmo na obrigatoriedade do consumo de pão de farinha mista. Aliás, dados já publicados, confirmam a seriedade da situação. Conforme o quadro acima, as disponibilidades para a exportação e "carry-over", para este ano, são de apenas 2.916.000 toneladas, e, segundo a publicação americana "Foreign Crops and Markets" de 20 de Agosto último, a Argentina já teria negociado para exportar sete anos um montante de mais de três milhões de toneladas.

De modo que, não será possível saldar todos esses compromissos, e, de qualquer modo, chegaria ao fim deste ano, praticamente, sem estoques. Como o consumo interno é de 3.500.000 toneladas, chega-se, a conclusão que basta uma redução de 40% nas colheitas, agora em novembro, para que a Argentina fique sem trigo para exportar.

Urge, pois, que o Brasil procure, imediatamente, outra fonte fornecedora, afim de que possa garantir o nosso suprimento de trigo para 1952.

## SITUAÇÃO DA PECUARIA

Pastagens: Com a melhoria das condições atmosféricas durante o mês anterior, melhoraram também as condições das pastagens do Estado em geral. Com a brotação, os pastos, do estado "precarío" em que se encontravam, passaram ao de "regular".

Em algumas regiões agrícolas, como Fartura, Getulina, Lins, Itapecerica, etc., os proprietários já iniciaram a sementeira de seus campos. Os capins mais utilizados têm sido o gordura e o jaragua.

Gado de Corte: Movimentam-se os pecuaristas das regiões de engorda, tendo em vista a aproximação da época apropriada para tal fim. Reina interesse na exploração, tanto que, em alguns pontos, a transformação de terras de cultura, em pasto se faz em ritmo mais ou menos constante. É o que acontece, por exemplo, em Pereira Barreto, onde já se prevê para os próximos 4 anos, a transformação da metade da área da região, em invernadas. Os bois gordos em Santa Cruz do Rio Pardo estão sendo negociados na base de Cr.\$ 140,00 a arroba. Os novilhos magros, com caixa para 16 arrobas valem, na mesma região, de Cr.\$ 1.700,00 a 1.800,00. Em Santo Anastácio continua o embarque de boi gordo em estado de "enxuto", mas, em pequena escala. Segundo o agrônomo regional dessa região, o gado magro no Estado, de Mato Grosso, que é em geral o abastecedor dessa região, está vendendo de Cr.\$ 1.400, a 1.600,00, a cabeça.

Na região de Patrocínio Paulista, os preços de bezerras para recria, variam de Cr.\$ 600,00 a 700,00. O estado sanitário e de desenvolvimento do rebanho é satisfatório em todo o Estado.

Continua decrescendo o abate de bovinos nos principais frigoríficos (Swift, Armour, Anglo, Wilson, Cruzeiro e Mat. Municipal de Santos). Houve uma queda de 18% durante o mês de outubro, em relação aos abates de setembro.

Cotação: (Fornecida pelo Sind. da Ind. de Frios de São Paulo)  
Frigorífico Armour S/A | Frigorífico Wilson do Brasil S/A

(Preços de compra até 15/11/51 posto Frigorífico, p/ arroba)

Bois de consumo .....	Cr\$ 120,00	Novilhos gordos.....	Cr\$ 120,00
Vacas e torunos gordos	114,00	Carreiros gordos....	115,00
Carreiros gordos ....	114,00	Vacas e torunos gordos	114,00
Gado tipo conserva....	80,00	Gado tipo conserva	80,00
Vitelos gordos(p/Kg).	7,50	Vitelos gordos(p/Kg)	7,50

Gado de Leite: A produção leiteira, apesar da melhoria dos pastos, ainda não aumentou como seria de se esperar. A recuperação do rebanho também não foi completada, porque a seca foi bastante forte e a distribuição de forragens concentradas, como a torta, farelo de trigo e de arroz, não foi satisfatória nesse período, não tendo, aliás, se normalizado até agora. Com o reajustamento do preço do leite, conseguido recentemente, o valor das vacas leiteiras nas regiões produtoras, tiveram uma alta significativa. Já se sabe que, no Vale do Paraíba, foram vendidas novilhas enxertadas, de bom "pedigree", a Cr. \$ 5.300,00, a cabeça. Em Pindamonhangaba, o rebanho leiteiro está sofrendo violento ataque "compo", já estando porém, sob controle veterinário do Departamento da Produção Animal.

Avicultura: Continua animador o desenvolvimento avícola em todo o Estado. Urge, entretanto, melhorar a distribuição dos alimentos indispensáveis à criação, como sejam: farelo grosso e fino de trigo e a farinha de carne, a fim de que não venha a perecer tão promissora e indispensável exploração. Em Itu e Sorocaba, alguns avicultores estão se desfazendo do rebanho, movidos unicamente por esse lamentável fato.

Cotação: (Fornecida pela Assoc. Paulista de Avicultura)

Ovos de granja (média de outubro, de ovos de casca branca e vermelha - Caixas de 30 dúzias)

Tipo especial .....	Cr. 280,00	
" A .....	270,00	( Mercado
" B .....	260,00	firme)

Aves:

Frango de raça especializada	Cr. 18,00	( quilo vivo)
Galinha de " "	14,00	" "
Galinha Leghorn .....	13,00	" "

Suinocultura: Em Itararé, observa-se a entrada de suínos vindos do Norte do Paraná. Os preços de cevados continuam em alta, dada a falta de milho na região. Foram registrados focos de peste suína em Santa Cruz do Rio Pardo, Piraju e Ourinhos.

Cotação: ( Fornecida pelo Sind. da Ind. de Frios de São Paulo)

<u>Frigorífico Armour S/A</u>		<u>Frig. Wilson do Brasil S/A</u>
(Preço de compra até 15/11/51		posto Frigorífico, - p/ arroba)
Suínos gordos - média de		Suínos gordos - média de
80 Kg .....	Cr. 170,00	80 Kg .....
		Cr. 200,00

## O ARROZ DO BRASIL NO MERCADO DO MUNDO

A guerra trouxe modificações sensíveis à produção e comércio do arroz. A Ásia, que produz e consome mais de 95%

## QUADRO I

## PRODUÇÃO MUNDIAL DE ARRÓS EM CASCA

1.000 toneladas

P A I Z E S	1934-35	1948/49	1949/50	1950/51
	1938-39			
<b>ASIA</b>				
China	50.065	48.134	44.500	49.000
Índia	22.309	34.252	34.709	32.000
Paquistão	11.169	12.846	12.403	12.900
Japão	11.501	11.993	11.760	12.005
Burma	6.971	5.287	4.076	4.080
Outros	40.885	30.708	32.012	32.015
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>142.900</b>	<b>143.200</b>	<b>139.400</b>	<b>142.000</b>
<b>EUROPA</b>				
Itália	753	619	591	690
Espanha	293	235	260	255
Outros	94	186	189	255
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>1.140</b>	<b>1.040</b>	<b>1.040</b>	<b>1.200</b>
<b>AFRICA</b>				
Egito	609	1.308	1.168	1.241
Madagascar	613	754	750	-
Outros . . . . .	948	1.358	1.382	-
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>2.170</b>	<b>3.420</b>	<b>3.300</b>	<b>3.674</b>
<b>AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL</b>				
Estados Unidos	956	1.736	1.848	1.722
México	76	163	185	230
Outros	148	331	327	348
<b>Total . . . . .</b>	<b>1.180</b>	<b>2.230</b>	<b>2.360</b>	<b>2.300</b>
<b>AMÉRICA DO SUL</b>				
Brasil	1.365	2.648	2.980	2.994
Colômbia	99	303	240	-
Outros	356	769	640	-
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>1.820</b>	<b>3.720</b>	<b>3.860</b>	<b>3.979</b>
OCEANIA - total . . . .	50	70	90	123
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>149.260</b>	<b>153.680</b>	<b>150.850</b>	<b>153.276</b>

Fontes: - F.A.O. e B.A.C. (U.S.D.A.)

QUADRO II  
**COMÉRCIO INTERNACIONAL DE ARRÓS (1)**  
 1000 toneladas

PAIZES EXPORTADORES	1934 a 1939	1948	1949	1950	1951 Janeiro a Junho
Brasil	54	215	1	95	81
Burma	3.070	1.230	1.190	1.187	758
Equador	11	63	31	66	...
Estados Unidos	72	394	516	485	122
Egito	97	350	339	173	134
Indochina	1.320	190	105	121	151
Italia	111	20	158	224	92
México	13	29	41	27	...
Tailândia	1.388	812	1.215	1.480	793
Outros	1.764	225	152	...	...
<b>T O T A L</b>	<b>7.900</b>	<b>3.528</b>	<b>3.748</b>	<b>3.915 (x)</b>	<b>2.206 (x)</b>
<b>PAIZES IMPORTADORES</b>					
Europa - total	1.230	160	320	532	205 (x)
América do Sul	100	30	30	74	22 (x)
África	400	180	130	125	82 (x)
Am.Norte e Central					
Cuba	201	235	271	307	92
Outros	109	75	89	63	...
<b>T O T A L</b>	<b>310</b>	<b>310</b>	<b>360</b>	<b>370</b>	<b>104 (x)</b>
<b>Asia</b>					
Ceilão	530	416	403	452	298
India	1.828	943	801	337	352
Indonésia	261	140	276	333	275
Japão	1.732	56	136	596	368
Malala	541	458	503	495	189
Outros	916	766	546	455	...
<b>T O T A L</b>	<b>5.808</b>	<b>2.779</b>	<b>2.665</b>	<b>2.668</b>	<b>1.729</b>
Outros	-	10	11	146	64
<b>TOTAL GERAL ...</b>	<b>7.850</b>	<b>3.470</b>	<b>3.520</b>	<b>3.915</b>	<b>2.206</b>

(1) Equivalente a arrós beneficiado.

(x) Dados incompletos.

Fontes:- F.A.O. e S.E.E.F.

do arroz do mundo, sofreu, com as dificuldades do conflito, uma redução de produção de mais de 8,7 milhões de toneladas. Com isso, pareciam ser abertas grandes possibilidades para o hemisfério ocidental. Os Estados Unidos, Italia, Brasil e Egito, am

## COTAÇÕES DE ARROZ

## ARROZ BENEFICIADO

## ARROZ EM CASCA

	BRASIL S. Paulo	EGITO média atacado no Cairo e Alexand.	INDOCHI NA. no 1 q. 25% SAIGON	INDIA "B" atac. CALCUTA	PAQUIS- TÃO atacado RANGPUR	BRASIL S. Paulo preços recebi- dos Lav.	ITALIA atacado MILÃO	ESTADOS UNIDOS preços possibi- des lav.	TAILAN DA Na Suas n° 1 BANGCOK	JAPÃO preços dos produ- tores
1947	170,55	142,46	...	149,28	...	-	-	146,92	89,04	-
1948	252,14	142,46	...	149,14	...	-	125,77	119,09	89,04	-
1949	309,21	120,20	171,00	135,78	264,89	175,80	115,75	100,17	79,02	92,38
1950	326,31	97,94	117,97	101,28	178,08	117,90	...	...	66,78	113,52
1951										
Jan./jun	208,80	93,49	113,50	101,28	179,19	98,50	99,43	140,24	27,89	113,52
Jul.	203,65	93,49	126,88	101,28	188,09	100,60	99,06	139,45	...	113,52
ago.	206,54	93,49	126,88	101,28	...	99,40	...	117,98	...	...

FONTE: F.A.O. -Bolsa de Mercadorias. Subdivisão de Economia Rural

ampliaram suas produções e começaram a exportar para o Extremo Oriente. Apesar da extensão do mercado, pois a produção do resto do mundo, com 6,7 milhões de toneladas, mostrava-se inferior a queda sofrida pelo Continente Asiático, os resultados reais não foram animadores. O aumento de produção dos demais continentes foi pequeno, passando de 6,7 para 8,4 milhões de toneladas, ficando assim longe de suprir os claros da queda da produção Asiática.

A razão disso encontra-se no fato dos países Asiáticos não disporem de dólares para efetuar as aquisições e nem de poder aquisitivo para pagar os preços impostos pelos países vendedores. Além disso, foi instituído um Comitê do Arroz junto ao International Emergency Food para colocar os excedentes do arroz, de acordo com as necessidades de cada país e a preços fixos, o que serviu para aumentar o desinteresse dos novos países produtores.

No período de após guerra, ocorreram também modificações significativas no quadro da produção e do comércio do arroz. A produção mundial mostrou grande aumento, tendo, a partir de 1948/49, sobrepujado as produções do período anterior a guerra.

Nos anos seguintes 1949/50 e 1950/51, as produções foram ligeiramente inferiores a de 1948/49 devido condições adver-

QUADRO IV  
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE ARRÓS  
 toneladas

PAIZES DE DESTINO	1947	1948	1949	1950
<b>AFRICA</b>				
Senegal	1.161	14.797	-	7.457
União Sul Africana	8.942	15.918	-	-
Outros	-	10.308	58	1.020
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>10.103</b>	<b>41.023</b>	<b>58</b>	<b>8.477</b>
<b>AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL</b>				
Antilhas Britânicas	-	3.989	-	2.000
Canadá	-	-	-	4.000
Cuba	-	2.980	-	-
Estados Unidos	-	1.230	-	-
Guadalupe	2.082	5.563	600	2.233
Outros	6.575	4.845	-	900
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>8.657</b>	<b>18.607</b>	<b>600</b>	<b>9.133</b>
<b>AMÉRICA DO SUL</b>				
Bolívia	5.047	68	61	255
Guiana Francesa	514	1.341	72	108
Venezuela	13.967	4.191	-	-
Outros	126	631	100	1.185
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>19.654</b>	<b>6.231</b>	<b>233</b>	<b>1.548</b>
<b>ASIA</b>				
Ceilão	63.869	16.469	-	-
Estab. do Estreito	28.704	28.337	-	-
Líbano	10.264	8.339	-	-
Índia	29.534	57.830	-	-
Outros	9.718	22.194	-	-
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>142.089</b>	<b>133.169</b>	<b>100</b>	<b>-</b>
<b>EUROPA</b>				
Alemanha	-	2.041	-	-
França	-	211	-	681
Grã Bretanha	645	-	-	46.367
Portugal	17.467	-	-	11.000
Suíça	11.820	1.250	-	2.000
União Belgo-Luxemburgo	1.198	6.510	-	199
Espanha	2.978	-	-	-
Outros	3.811	1.981	-	900
<b>T o t a l . . . . .</b>	<b>37.919</b>	<b>11.993</b>	<b>-</b>	<b>61.147</b>
<b>OCEANIA</b>				
	-	1.619	-	-
<b>T O T A L G E R A L</b>	<b>218.423</b>	<b>212.643</b>	<b>991</b>	<b>80.305</b>

FONTE: - S. E. E. F. (Ministério da Fazenda)

sas de clima, pois as áreas plantadas foram maiores, conforme demonstra o quadro I. O comércio, porém, ainda está longe de alcançar os níveis de pré-guerra. Em 1950, o volume total das exportações não chegou a 50% desses níveis ( Ver quadro II). A razão encontra-se, em parte, no fato de Burma e Indochina, que respondiam por 55% das exportações, não terem podido recuperar suas produções, devido as revoluções internas, e, em parte, no fato dos maiores importadores, que eram a Índia e o Japão, terem ampliado a produção interna.

É interessante observar que esses novos países exportadores, como os Estados Unidos, Egito e Brasil, que ampliaram suas vendas durante a guerra, mostram tendências decrescentes.

Para o próximo ano, 1951/52, as perspectivas de arroz no mercado internacional são favoráveis para os países produtores. Calcula-se que, somente devido ao crescimento vegetativo da população no Extremo Oriente, a procura aumenta de 1,3 milhões de toneladas por ano. Além disso, espera-se ainda maior procura de arroz devido à melhoria de capacidade aquisitiva que a população do Oriente vem gozando com o aumento dos preços de certas matérias primas, como a borracha e o algodão. E, de outro lado, a oferta do produto não deverá aumentar, pois, parte da área será desviada para o plantio de algodão. A vista dessa situação, é possível que aumentem os preços no mercado internacional.

Todavia, essa tendência de aumento dos preços, pouco influe sobre as perspectivas da exportação do produto brasileiro. É muito difícil para o arroz do Brasil, ou dos demais países do Hemisfério Ocidental, se interessar pelo mercado do Extremo Oriente. O arroz é considerado aí, como produto barato, devido aos salários extremamente baixos dos produtores e, devido a sua população não dispor de poder de compra, para importar maiores volumes a preços elevados. Os Estados Unidos, apesar de possuir uma produção altamente mecanizada e de necessitar de um mercado escoador, lutam com as mesmas dificuldades. Conforme o quadro III os nossos preços são muito mais elevados do que os do Oriente e mesmo os dos Estados Unidos.

Os mercados que podem interessar o arroz do Brasil encontram-se na Europa, onde o poder aquisitivo é maior, em certos países da América e mesmo em algumas colônias da África.

É em relação a esses mercados que devem ser analisadas as perspectivas para o próximo futuro.

Nesse sentido, deve-se considerar primeiramente que a Europa não é um consumidor forçado, de arroz. E também, que o seu abastecimento é feito principalmente pela Itália e Estados Unidos, que dispõem de produções altamente eficientes que podem ser oferecidas, a preços inferiores aos nossos. Notícias recentes, confirmam que a Itália oferece arroz a preços 35% inferiores aos nossos. Daí resulta, que a exportação, do Brasil se faz ocasionalmente e para os mais variados países. (Ver quadro IV) Mercado interessante é o de Cuba, cuja população tem o arroz como base de alimentação, mas que, devido a proximidade dos Estados Unidos, deixa de apresentar maiores possibilidades a exportação do nosso produto.

A vista dessa situação, conclue-se que para o Brasil se estabelecer como exportador de arroz, deverá sobrepujar as 3 seguintes dificuldades: falta de um mercado consumidor certo, no Hemisferio Ocidental; competição com países de produções altamente eficientes, como os Estados Unidos e Itália; e, preços intrenos muito elevados, agravados ainda mais pela extinção das exportações pelo regime de compensação.

QUADRO V  
EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE ARROZ POR ESTADOS  
( toneladas )

ESTADOS	1947(1)	1948	1949	1950
Pará	2.449	2.726	72	108
Maranhão	3.718	17.538	758	3.553
São Paulo	77.138	18.640	-	28.082
Paraná	-	14.465	-	-
R. Grande do Sul	132.387	159.204	100	47.655
Mato Grosso	162 162	68	61	6
Outros	2,569	6	-	901
TOTAL g... .	218,423	212,647	221	80,305

FUNTE: S.E.R.F. do Ministério da Fazenda

(1) Maior ano exportador do arroz.

## ESTUDO DE UMA GRANJA DE LEITE TIPO " B "

Prosseguindo nossos estudos sobre explorações leiteiras, apresentaremos a análise dos dados obtidos e observações colhidas na Granja Santo Antonio da Figueira, localizada em Valinhos. (1)

O estudo dessa propriedade nos interessou, devido, principalmente, aos seguintes fatos:

- a) - é uma granja produtora de leite tipo B, consorciada com exploração avícola;
- b) - mantém rebanho leiteiro de alto rendimento;
- c) - e apresenta boa organização.

Organização da Propriedade: Esta, com área de 72 alqueires, tem por principal atividade a exploração do leite tipo B, a qual é feita com um rebanho de raça holandesa, cujo grau de sangue varia desde 3/4 até puro por cruza. A sua composição é a seguinte: vacas, 90; touros, 3; novilhas enxertadas, 12; novilhas, 14; bezerras, 18. O rebanho é mantido em pasto de capim gordura, que abrange uma área de 50 alqueires. A criação avícola foi introduzida recentemente e consta apenas de 450 poedeiras da raça New Hampshire. Os ovos são vendidos em São Paulo, e o leite, para a usina de pasteurização, em Campinas.

A topografia das terras e as pedreiras existentes impedem a formação de pasto em quasi 22 alqueires da propriedade.

Exposição Financeira da Propriedade: Os dados coletados na propriedade, nos fornecem elementos para medirmos o resultado financeiro obtido no ultimo ano de exploração, como pode ser visto a seguir:

A = CAPITAL		
Terras, e benfeitorias	cr. \$ 1.678.000,00	
Rebanho Leiteiro	710.000,00	
Rebanho avícola	36.000,00	
Animais de cativeiro	13.000,00	
Motores, utensílios e criadeiras	50.000,00	
Veículos e arreios	3.000,00	Cr\$ 2.490.000,00
Juros de 6% sobre o capital investido	- Cr\$ 149.400,00	

(1) De propriedade de Eng. Agr. Fernando Ferraz.

## B - RECEITA ANUAL

1- Venda de 146,000 l. de leite a 3,10.....	Cr\$452.600,00
2- Venda de 275 exs. de ovos a 300,00.....	82.500,00
3- Venda de 5 vacas a 800,00.....	4.000,00
4- Venda de novilhas e bezerras.....	35.000,00
5- Venda de 50 t. de estercos a 240,00.....	12.000,00
6- Consumo de 25.550 Ls de leite a 3,10.....	79.205,00
7- Consumo de 5 ex de ovos a 300,00.....	1.500,00
8- Consumo de 10 tom. de estercos de galinha, com adubo.....	5.000,00
	<u>671.805,00</u>

a) - receita fornecida pela exploração leiteira .....  
582.805,00 = 86,75 %

b) - receita proveniente da avicultura .....  
89.000,00 = 13,25 %

## C- DESPESAS ANUAIS

1 - Braço 5 camaradas.....	Cr\$54.570,00
2- Alimentação do gado e suá.....	109.000,00
3 - Alimentação das aves.....	38.420,00
4 - Medicamentos e carra-paticidas.....	9.690,00
5 - Medicamentos p/aves cal.....	800,00
6 - Desinfetantes, sabão e escovas.....	1.908,00
7 - Perdas e prejuízos de rebanho, por doan-ças e acidentes... ..	24.000,00
8 - Perdas de aves per-moléstias e aciden-tes.....	4.800,00
9 - Limpeza de pântos e r-reparos de áreas... ..	23.000,00
10 - Conservação de banha-torias e estradas... ..	14.600,00
11 - Filtros, arame, laço.....	446,00
12 - Esguichos, aventais e toalhas.....	530,00
13 - Reparos de motores, veículos e arreios... ..	1.600,00
14 - Impostos.....	2.300,00
15 - Depreciações :	
a)- benfeitorias (25 an)	11.120,00
b)- motores (20 anos)	2.000,00
c)- utensílios e cria-deiras (10 anos)	1.000,00
d)- veículos e arreios ( 5 anos)	600,00
e)- animais de custeio (10 anos)	1.300,00
f)- reprodutores ( 8 anos)	9.250,00
	<u>310.934,00</u>

## B- ORDENADO DO GERENTE

Total. 60.000,00  
370.934,00

Renda líquida - 671.805,00 - 370.934,00 = 300.871,00

Renda do trabalhador.  
671.805,00 - (370.934,00 + 149.400,00) = 211.471,00

Lucro econômico - 671.805,00 - (370.934,00 + 60.000,00 + 149.400,00) = 151.471,00

O exercício financeiro nos mostra que as explorações da granja estão apresentando ótimos resultados, porquanto, produziram um lucro econômico de Cr.\$ 151.471,00, que é altamente remunerador.

Custo de Produção do Leite: Tendo em vista fornecer elementos para que a administração possa medir as vantagens da exploração leiteira, determinaremos o custo de produção do leite, bem como o rendimento econômico da exploração.

ração. A escrituração separada, existente para a produção de leite e ovos, nos permite esse cálculo. No caso de certos itens que compõem o capital, bem como o ordenado da gerência, computamos as porcentagens desses valores que cabem ao leite e ao ovo, proporcionalmente, de acordo com as receitas provenientes desses produtos. Assim procedendo, determinamos o seguinte custo:

A - CAPITAL	
Terras e benfeitorias	Cr\$ 1.579.375,00
Rebanho leiteiro	710.000,00
Animais de custeio	11.280,00
Motores e utensílios	45.000,00
Veículos e arreios	2.602,00
	<u>2.348.257,00</u>

Juros de 6 % sobre o capital ..... Cr\$ 140.895,00

**B - RECEITA ANUAL**

1-Venda de 146.000 l. de leite a 3,10 ...	Cr\$ 452.600,00
2-Consumo de 25.550 l. de leite a 3,10 ...	79.205,00
3-Venda de 5 vacas , ,	4.000,00
4-Venda de novilhos e bezérros .....	35.000,00
5-Venda de 50 t. de esterco .....	12.000,00

**C- DESPESAS ANUAIS**

1- Braço	
4 camaradas .....	Cr\$ 43.076,00
2- Alimentação do gado e sal .....	109.000,00
3- Medicamentos e carapaticidas .....	9.690,00
4- Desinfetantes, sabão e escovas .....	1.908,00
5- Perdas e prejuízos do, rebanho, por doenças e acidentes ...	24.000,00
6- Limpeza de pastos e reparos de áreas...	23.000,00
7- Conservação de benfeitorias e estradas...	14.600,00
8- Reparos de motores, veículos, arreios e utensílios .....	1.600,00
9- Filtros, arams e laere	446,00
10- Esguichos, aventais e toalhas .....	530,00
11- Impostos .....	1.995,00
12- Depreciações ...	
a)-benfeitorias (25 anos)	9.995,00
b)-motores (20 anos)	2.000,00
c)-utensílios (10 anos)	500,00
d)-veículos e arreios (5 anos)	520,00
e)-animais de custeio (10 anos)	1.128,00
f)-reprodutores (8 anos)	9.250,00
	<u>253.298,00</u>

D - ORDENADO DA GERÊNCIA 52.050,00

Total. 305.288,00

Custo, de produção de 1 litro de leite-  $\frac{a + C + D}{171.550}$  = cr\$ 2,60

Custo de produção real de 1 l. de leite.  
 $\frac{a + C + D - (\text{itens 3 e 5 de B})}{171.550 \text{ litros}} = \text{Cr.} \$ 2,304$

Renda líquida 582.805,00 - 305.288,00 = Cr\$ 277.517,00  
 Lucro econômico 582.805,00 - (305.288,00 + 140.895,00) = Cr. \$ 136.622,00

Os dados nos mostram que a exploração leiteira do tipo B foi altamente rendosa, pois, produziu renda líquida de Cr.\$ 277.517,00 e lucro econômico de Cr.\$ 128.582,00.

Os dados reunidos nos quadros I, II e III nos mostram que a utilização de uma vaca do rebanho da propriedade em estudo, implica num gasto total de Cr.\$ 4.722,00 por ano. Dessa importância, a alimentação e o trabalho concorrem com 53,78%; o uso das instalações, equipamentos, utensílios, medicamentos, etc. com 19,44%, e a gerência, perdas e juros com 26,78%.

Despesa Média por Vaca: As quantidades de concentrados, de pastos e de serviços utilizados por uma vaca, durante o ano, bem como as despesas correspondentes a esses itens, são mostrados no quadro I:

QUADRO I

ITENS	Quantidade média por vaca durante o ano	Preços médios	Valor em Cr.\$	% (1)
Concentrados e sal	1.248 Kg	Cr.\$ 0,90 p/kg	1.123,50	23,79
Pastagem	365 dias	2,57 p/dia	938,00	19,86
Trabalho de homem	162 horas	2,95 p/hora	477,90	10,13

Total : ..... 2.539,40 - 53,78

As 162 horas de trabalho de homem, dispendidas no trato de cada vaca abrangem também os cuidados dispensados as respectivas bezerras. O custo da utilização de pasto foi computado, incluindo os juros sobre o seu valor, despesas de limpeza do mesmo, reparos das cercas e impostos.

Os gastos médios anuais, necessários para cobrir o uso de equipamentos, benfeitorias, animais de custeio, reprodutores, medicamentos e utensílios, perfazem Cr.\$ 917,70 por vaca, como pode ser visto no quadro II.

Finalmente, os gastos anuais, por vaca, para indenizar as perdas, pagar a gerência e os juros sobre o valor das mesmas, totalizam Cr.\$ 1.264,90, conforme demonstra o quadro III.

(1) % sobre o total de Cr.\$ 4.722,00 que é o quanto custa a utilização de uma vaca, durante o ano.

27

QUADRO II

I T E M S	CR. \$ POR VACA	% (1)
Use de benefetorias	431,20	9,13
Use de motores, veiculos e utensilios	83,10	1,76
Use de animais de curteio	20,00	0,42
Use de reprodutores	243,70	5,17
Use de medicamentos e carrapaticidas	107,70	2,28
Outros	32,00	0,68
<b>T o t a l</b> .....	<b>927,70</b>	<b>19,44</b>

QUADRO III

I T E M S	CR. \$ POR VACA	% (1)
Gratificacão	578,30	12,25
Juros sobre as vacas	430,00	8,89
Perdas de rebanho	266,60	5,64
<b>T o t a l</b> .....	<b>1.264,90</b>	<b>26,78</b>

Renda Líquida por Vaca Durante o Ano: Uma vez medidos os gastos incorridos pela exploração de uma vaca, podemos, agora confronta-lo com a receita e determinar a renda que ela produz.

QUADRO IV

I T E M S	CR. \$ POR VACA	%
Leite	5.908,90	91,25
Bezerros e novilhas	432,30	6,70
Estêres	133,30	2,05
<b>TOTAL</b> .....	<b>6.475,50</b>	<b>100,00</b>

Vemos, por conseguinte, que cada vaca produz um lucro anual de Cr. \$ 1.753,50, pois a receita é de Cr. \$ 6.475,50 e as despesas totais perfazem Cr. \$ 4.722,00. Se, porém, considerarmos os juros sobre o valor das terras não utilizadas, aquela importância se eleva a Cr. \$ 4.950,00, reduzindo o lucro para Cr. \$ 1.525,50.

(1) % sobre o total de CR\$ 4.722,00 que é o quanto custa a utilização de uma vaca durante o ano.

Distribuição do Custo de Leite pelos Principais Itens: Com auxílio dos dados reunidos nos quadros I, II e III podemos determinar a participação de cada item no custo de produção de um litro de leite; bastará, para isso, dividirmos cada uma das cifras encontradas para a manutenção das vacas, pela produção média de leite. Os dados que se obtêm são os seguintes:

<u>Custos</u>	<u>Cr.\$</u>	<u>%</u>
Alimentação e pasto	1,081	43,65
Perdas e juros pelo valor da vaca	0,360	14,53
Gerência	0,303	12,25
Trabalho	0,251	10,13
Uso de benfeitorias	0,226	9,13
Reprodutores e animais de custeio	0,138	5,59
Medicamentos e carapaticidas	0,057	2,28
Uso de equipamentos e utensílios	0,044	1,76
outros	0,017	0,68
Terras não aproveitadas	<u>0,123</u>	
<b>Total: .....</b>	<b>2,600</b>	<b>100,00</b>

Receitas:

Bezerras e novilhas	0,227	76,70
Estérco	<u>0,069</u>	<u>23,30</u>
<b>Total: .....</b>	<b>0,296</b>	<b>100,00</b>

Custo real de um litro de leite: . Cr.\$ 2,304 (2,600-0,296)

Observando-se os números acima, verifica-se que a alimentação do gado representa praticamente 50% do custo de produção, sendo que a mão de obra concorre apenas com 10%.

A direção da exploração, as perdas e juros oneram a produção, com 25%. Todos os demais itens reunidos representam 15% .

Apreciação da Técnica Leiteira: O rebanho é formado de mestiços holandeses, sendo poucos os reprodutores. Estes e as vacas são mantidos em regi

me de campo, recebendo ração suplementar, por ocasião das ordenhas manuais, feitas duas vezes por dia. Do rebanho de 90 vacas leiteiras, 50% estão em lactação constante, com uma produção média individual de 3.812 litros por ano. A renovação do rebanho é feita anualmente, eliminando-se as vacas com produção média inferior a 10 litros diários.

As vacas em lactação recebem diariamente 6 Kg de ração concentrada, ficando esta em Cr.\$ 0,90 por quilo; os touros consomem da mesma ração, 8 Kg por cabeça; o único alimento volumoso oferecido ao rebanho é o capim gordura do pasto.

O tratamento do gado contra parasitas é feito por meio de pulverizações sistemáticas a base de canfeno clorado; a vacinação contra a febre aftosa é feita em todo o rebanho, duas vezes por ano, custando Cr.\$ 9,60 por animal. A mau grado dos cuidados veterinários que as bezerras recebem, existe uma perda de 10% os machos são sacrificados ao nascer.

O estábulo e a sala de ordenha são bastante simples, mas preenchem todos os requisitos de higiene. A pasteurização do leite é feita pela usina distribuidora do produto, que o recolhe na granja.

A despeito da administração ser bem dirigida, notamos certos pontos que poderiam ser alterados, com o fim de reduzir o custo de produção. Assim:

- 1) a porcentagem de vacas em lactação poderia ser mais elevada, de modo a aumentar a produção; isso traria melhor aproveitamento das benfeitorias e pastagens, com consequente redução do custo;
- 2) o aproveitamento da área atualmente não utilizada na propriedade, reduziria o custo de Cr.\$0,12 por litro;
- 3) a melhoria das pastagens, de modo a se ter três cabeças por alqueire, em vez de duas, como atualmente, baixaria o custo do litro de leite de Cr.\$0,10.

Elevando-se, portanto, o número de vacas de 90 para 140, o aumento da renda líquida decorrente dessa redução do custo, seria de Cr.\$ 26.684,00 ( admitindo-se que a média de produção do rebanho permanecesse a mesma). Este resultado permitiria ao proprietário aplicar, anualmente, na melhoria das pastagens, até Cr.\$ 500,00 por alqueire. Ainda que todo o aumento de receita

fôsse assim dispendido, a propriedade se beneficiaria, pois a exploração de um maior numero de animais reduziria de ..... Cr.\$ 578,00 para Cr.\$ 371,80, ou sejam Cr.\$ 0,11 por litro de leite, as despesas de gerencia; que oneram cada vaca.

Com relação ao arraçamento do rebanho, causou estranheza a falta de produção de plantas forrageiras para alimentar o plantel, durante o período da seca. Para manter a produção atual, de 10,5 litros diários, cada vaca precisa ingerir diariamente 803 g. de P.D. e 7.055 g de N.D.T. Dessas quantidades, 485 g do primeiro e 3.150 g do segundo são necessários para produzir aquela quantidade de leite, e o restante, para matança do animal. Os 6 Kg de concentrado distribuídos, proporcionam 1,580 g de P.D. e 4.464 g de N.D.T. a cada vaca. Nota-se, portanto, que:

- 1 - há desperdício (1580 - 803 g) no fornecimento de P.D, que é o elemento mais caro;
- 2 - as 2.591 g de N.D.T, que faltam para completar as 7.055 g requeridas são retiradas no pasto, de 13 Kg de capim gordura que é o alimento mais barato e do qual o animal pode comer mais de 30 Kg por dia;
- 3- o uso da mesma ração durante o ano não se justifica, porque o verde é abundante nas águas e escasso no período das secas.

Diante do exposto, talvez fôsse interessante estudar uma nova formula de ração, que vizasse:

- a) - reduzir os concentrados no período das águas, substituindo-os por mais pastos e cana picada, que são alimentos mais baratos. Assim, as 7.055 g de N.D.T. e 803 g de P.D. necessarias, poderiam ser conseguidas com 4 kg da mistura de concentrados, 3 Kg de cana picada e 25 Kg de capim gordura. Esta substituição representara uma economia diaria de Cr.\$ 1,35 (1) por vaca ou sejam Cr.\$ 0,13 por litro de leite produzido;
- b) - deixar os 6 Kg de concentrados somente para o período da seca, quando o verde é escasso e o gado necessita de alimentação mais farta nos comedouros.

Mesmo assim ainda seria aconselhável produzir forragens para fornecer ao gado, com o fim de equilibrar a ração, evitando-se desperdícios e baixando o custo de alimentação. Evidentemente, os produtores de leite preferem não criar problemas de administração, produzindo forragens na propriedade enquanto elas encontrarem a torta de algodão aos preços atuais para arraçoar o gado.

---

(1) 1 Kg de cana picada custa Cr.\$ 0,15 .

## SITUAÇÃO DA LAVOURA

Algodão: Sendo a 2ª quinzena de outubro a época própria para o plantio do algodão, foi grande a expectativa pelas chuvas desse mês, que, afinal caíram, de modo insuficiente e irregular, depois de um setembro completamente seco e desfavorável ao preparo de terras.

As chuvas distribuíram-se em torno dos dias 5 e 6, 11, 15 e 16, 19 e 20, 26 e 29, não ultrapassando a 200 m/m. Foram mais elevadas as precipitações da 2ª quinzena. Esta distribuição só foi favorável as áreas preparadas em setembro, com tratores, ou máquinas a tração animal nos lugares mais frescos; o calor, o vento sul e alguns casos de granizo prejudicaram parte das sementeiras. O preparo da terra e a semeadura, prosseguirão ainda, por todo o mês de novembro.

A procura de sementes, até 31 de outubro, já havia ultrapassado as 894.000 sacas, quase 30% a mais do igual período do ano passado. Por enquanto, não se pode dizer se haverá correspondente aumento de área, porque, além da tendência de se gastar mais sementes por área plantada, o número de replantas será maior que o do ano passado, dadas as intempéries e ao prenúncio de uma estiagem em novembro. Entretanto, como a procura de sementes no extremo oeste, excedeu ao previsto, é possível que a venda de sementes venha ultrapassar um milhão de sacas. A enorme procura do setor de São José do Rio Preto, justifica, a exemplo do que aconteceu em Araçatuba, a criação de um Posto de Sementes. Está, praticamente, no fim o benefício da safra anterior, com a entrada de 505.000 arrobas de algodão em caroço, atingindo assim 42.207.000 arrobas, as entradas nas máquinas.

Café: As chuvas de outubro não foram favoráveis às floradas nem ao enfolhamento das árvores. As lavouras sujeitas ao vento sul foram ainda prejudicadas com as fortes oscilações de temperatura. As duas primeiras floradas não receberam nenhum benefício das precipitações escassas da 1ª quinzena. Ainda é cedo para se dizer sobre o pagamento da 3ª e 4ª floradas, pois, embora tenham melhorado de aspecto, os cafezais não se apresentam ainda regularmente vestidos.

Como consequência de fortes oscilações de temperatura; verificaram-se dois casos graves de queda de granizo:

em São José do Rio Preto, foram danificados cerca de 250.000 pés e em São Pedro do Turvo, 400.000. Igual ocorrência verificou-se em outros pontos, provocando a migração de meeiros. Lembram os engenheiros agrônomos regionais, em seus relatórios, a necessidade de ser estendido o seguro contra o granizo, também ao café; a exemplo do que foi feito recentemente a videira. Procedem-se as capinas e as adubações; replantam-se os cafezais, estando essa prática, bastante generalizada, conforme atesta a grande procura de mudas.

Ao mesmo tempo que nas zonas velha e velhíssima do Estado, envidam-se esforços para restaurar os cafezais, por meio de adubações, ainda é grande a marcha da lavoura para o Oeste, onde os contratos para a formação, são feitos na base de 2 a 3 cruzeiros por pé, formado com permissão de plantio de cereais e algodão, durante quatro anos. O trato de mil pés para o ano 1951/52 varia entre 2 a 3 mil cruzeiros.

Demonstram os agrônomos regionais, ser um pouco cedo para se fazer as previsões da safra futura, mas presume-se que será pouco maior que a anterior.

Arroz e Milho: Como sucedeu com o algodão, o atraso das chuvas não deixará de afetar as plantações de arroz, cujas perspectivas de plantio já se mostram prejudicadas pelo descontentamento dos produtores em relação aos preços do ano passado. Os relatórios, mencionam diminuição da área a ser plantada, mesmo nas zonas tipicamente rizicultoras, onde, numa delas, 18.000 hectares, adquiridos por firma industrial, foram abandonadas. Se houvesse chovido em setembro e se fossem maiores as áreas preparadas, ainda haveria possibilidade de se modificarem tais perspectivas.

Ao contrário do que acontece com o arroz, verifica-se com o milho maior interesse, haja visto a grande procura de milho híbrido. O plantio poderá prolongar-se até dezembro, sendo o seu cultivo mais acessível a maior número de plantadores. Entretanto, só no próximo mês poder-se-á dizer sobre a diminuição da área plantada com o arroz, e o aumento da área de milho.

Trigo: Foi concluída a colheita de trigo em Itapeva, com resultados práticos. Cerca de 1.056 toneladas, produzidas por mais de 14 produtores, forneceram um rendimento de 6,39 quintais. Embora se registre um caso de baixo rendimento em

Mogi Mirim, foram satisfatórios os resultados em Serra Azul, Fartura, Candido Mota, Botucatu e Caçapava.

Feijão e Soja: Continua o feijão a ser cultura subsidiária, cuja importância vai diminuindo, com o avanço das demais culturas para Oeste. Os plantios acham-se ligeiramente atrasados. Grande parte dos centros urbanos do interior, consomem feijão procedentes do Paraná.

Não está bem definida a tendência do cultivo da soja, não se podendo ainda dizer qual será o aumento dessa cultura.

Mandiocas: Ainda se processam plantações, sendo que, a maioria, para fins forrageiros. Em alguns centros, onde esta é industrializada, já se nota a falta de matéria prima, como por exemplo em Pindamonhangaba e Santa Cruz do Rio Pardo. Antigas zonas mandioqueiras estão se transformando em canavieiras.

Amendoins: Vão bem, as poucas lavouras de amendoim já semeados; não obstante, espera-se uma queda de 50% de área plantada. Por exceção, haverá aumento considerável na Região de Pompeia. Como o plantio processa-se para além de novembro, é possível que haja modificações nesses prognósticos.

Mamonas: Reina maior interesse para o plantio da mamona, nos próximos meses, devido a melhoria do preço. A industrialização nas proximidades dos centros produtores, permitindo o aproveitamento local da torta e exportação de óleo, em tambores, parece estar contribuindo para o cultivo da mamona se consolidar no Estado.

Cana: Prossegue o corte da cana. Espera-se ligeira diminuição do rendimento, em consequência da estiagem, o que, entretanto, não afetará a safra de açúcar, porque, devido a certa crise na produção de aguardente, parte da cana é encaminhada as usinas, a preços compensadores, de Cr.\$ 130,00, a tonelada.

Devido à instalação de novas usinas em Botucatu e Orlandia, e ao plantio de cana em antigos municípios cafeeiros, como Ribeirão Preto, consolida-se a posição da indústria açucareira em nosso Estado.

O plantio de cana, no mês, foi pequeno, devido às condições desfavoráveis de tempo, o que, contudo, não afetará o aumento de área porque as plantações de ano e meio, em dezembro e janeiro são as mais comuns. Há grande procura de variedades resistentes ao mosaico, entreveendo-se a necessidade de renovação de inúmeros canaviais.

Há também procura de mudas de cana para fins forrageiros, nas proximidades dos grandes centros.

Batatinha: Procede-se o plantio da batatinha, que prosseguirá por todo o mês entrante. A não ser em Pompeia, cuja área plantada se duplicou, a queda dos preços da última safra desencoraja os produtores. Tem sido regular a procura de sementes da Secretaria. Admite-se que a área plantada será igual à do ano passado, porque, como geralmente acontece, a diminuição de uma zona é quase sempre compensada pelo aumento de outra.

Plantas Têxteis: Aumenta o cultivo do fórmio em Jundiá de 220 alqueires, bem assim como a do sizal em Pederneiras, Piracicaba e Ribeirão Preto. São pequenas as informações dos relatórios dos agrônomos regionais, não havendo notícias do cultivo do ramí.

Fumo e Menta: Processa-se a comercialização da safra, reduzida pelas intempéries, mas, a preços compensadores. As condições dos viveiros e das plantações foram favoráveis a transplantação da menta em Presidente Prudente e Santo Anastácio.

Tomate: Está praticamente terminada a safra. Com a instalação de nova indústria em São Carlos, espera-se aumento para o próximo ano. Em Monte Alto terminou a safra, tendo a indústria local consumido parte vinda de São Carlos. Começa a frutificação em muitas regiões.

Frutas: Espera-se mais uma florada de citrus em Limeira, havendo uma queda de frutinhos. Prosseguem os tratos dos pomares. Na zona vitícola verifica-se forte brotação. Prosseguem os tratos culturais e, principalmente, a desbrota. Em Jundiá reza-se que a frutificação ocorra de uma só vez, criando problemas de colheita e embalagem, pois a chegada de caixas de madeira do Paraná, atende só a metade das necessidades. Tera grande incremento a plantação de abacaxi em Orlandia e Morro Agudo. Melhorou o aspecto dos mamoeiros em Monte Alto. Espera-se safra regular de melancia em Carivari. Essa colheita acha-se atrasada em Piracicaba.

(toneladas)

PRODUTOS	1951			PRODUTOS	1951		
	Jan/Jul	Agosto	Set.		Jan/Jul	Agosto	Set.
<b>ADUBOS</b>				<b>GÊNEROS ALIMENTÍCIOS</b>			
Adubos	547	102	504	Cacau	496	72	76
<b>BEBIDAS</b>				Café	1	-	-
Aguardente	1.313	182	248	Carne	109	-	156
Vinhos	11.564	686	1.093	Carne de porco	158	56	7
Bebidas n.esp.	165	6	91	Castanha	42	30	18
<b>CEREAIS</b>				Cebola	22.658	3.391	1.171
Arroz	2.205	309	198	Cêco	2.422	416	472
Aveia	80	10	61	Cêco ralado	903	105	219
Cevada	2.355	1.031	406	Condimentos	312	-	220
Milho	-	-	-	Conservas	3.074	490	437
<b>PRODUTOS ANIMAIS</b>				Queijos	157	2	18
Cera de abelhas	137	4	2	Extrato tomate	1.068	-	274
Crina	396	139	89	Farinhas n.esp.	135	-	3
Peles	386	25	16	Farinha mandioca	968	161	156
<b>DIVERSOS</b>				Fécula mandioca	461	324	340
Fumo	3.209	37	187	Feijão	661	279	59
Fumo em folhas	2.911	116	361	Leite de cêco	530	9	102
<b>FIBRAS E FIOS</b>				Lentilha	695	15	16
Agave	187	52	99	Peixe	61	20	13
Algodão	17.392	179	48	Pimenta	68	-	-
Caracá	2.796	436	699	Sal	104.541	29.202	37.399
Cêco	18	2	4	Tapioca	40	2	-
Juta	3.869	3.792	2.417	<b>MADEIRAS</b>			
Lã	6.567	94	67	Canela	288	182	125
Malva	191	60	322	Cedro	367	148	80
Palma	36	1	-	Embuia	542	119	73
Pinçaba	429	57	77	Freijó	144	-	115
Sisal	1.435	122	234	Peroba	190	9	18
Uacima	540	64	39	Pinho	34.836	5.579	4.307
Fios de Algodão	34	3	-	Sucupira	360	-	127
Fios de cêco	4	1	1	Madeira n.esp.	-	-	-
<b>ÓLEOS E G. VEGETAIS</b>				<b>PRODUTOS DE HERVA</b>			
Cera de carnaúba	109	6	-	<b>NARIA E SEMENTES</b>			
Cera de ouricuri	51	5	8	Alpiste	658	42	26
Manteiga de cacau	448	69	36	Babaçu	6.938	954	457
Óleo de babaçu	583	159	51	Guaraná	18	6	59
Óleo car.algodão	2.464	487	85	Gergelim	43	-	-
Óleo de cêco	74	26	4	Ouricuri	533	-	-
Óleo de linhaça	2.126	149	50	Sementes usuúba	303	-	-
Óleo de oiticica	196	53	6	Sementes n. esp.	-	-	-
Óleo de sassafraz	8	-	-	<b>RESÍDUOS E TERTAS</b>			
Óleo de tungue	26	-	8	Resíduos algodão	870	220	170
Óleo de ucuúba	40	-	-	Torta de cacau	3.362	196	562
Sêbo de ucuúba	220	75	132	Torta n. esp.	-	-	-
<b>GÊNEROS ALIMENTÍCIOS</b>				<b>TRIGO E F. DE TRIGO</b>			
Açúcar	102.496	169	108	Farinha de trigo	3.919	342	1.185
Açúcar cristal	7.213	-	-	Trigo em grão	37.229	3.770	1.546
Banha	1.085	487	789				
Batata	1.463	236	76				

(toneladas)

PRODUTOS	1º semestre	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
1 - Café (sacas de 60 Ks)	3.686.122	461.048	613.746	582.870	761.530
2 - Algodão em rama	50.913	29.317	19.370	10.479	...
Algodão "linters"	6.318	1.943	3.505	2.221	...
Resíduos de algodão	1.529	75	43	26	...
Piolho de algodão	182	-	-	51	...
3 - Milho	122.627	18.525	17.558	30.257	19.768
Arrôz	8.030	4.484	1.021	1.973	502
Fragmentos de arrôz	32.850	-	2.596	1.182	5.508
Amendoim c/ casca	51	138	110	95	13
Amendoim descascado	1.485	500	500	300	15
Mamona	3.774	308	799	-	133
Chá	240	43	19	18	-
Fécula de mandioca	2.273	747	955	714	337
Óleo de linhaço	2	1	-	-	-
Herça Mate	337	138	60	240	90
Laranja (caixas)	132.825	28.750	10.760	3.000	7.000
Banana (sachos)	4.921.456	789.090	868.021	716.721	667.927
4 - Banana Flakes	65	27	-	...	...
Bambú	21	6	3	...	...
Caféina	20	6	-	...	...
Cacau	2	-	-	...	...
Carne em conserva	46	-	-	...	...
Carne salgada	-	-	-	...	...
Cola de ossos	32	-	3	...	...
Cêra de carnauba	1	-	-	...	...
Cêra de abelha	51	-	-	...	...
Couros cortidos	66	0	-	...	...
Couros de pecces - cortidos	8	-	-	...	...
Couros - raspas	16	-	5	...	...
Couros salgados	12.384	1.974	1.422	...	...
Couros secos	358	-	-	...	...
Crina animal	83	10	-	...	...
Farinha de chifres (e cascos)	593	105	-	...	...
Farinha de sangue	388	-	-	...	...
Farelo de amendoim	9.791	2.530	2.032	...	...
Farelo de babaçu	-	-	-	...	...
Farelo de gergelin	-	-	-	...	...
Fios de algodão	1.112	319	229	...	...
Fumo em folhas	7	-	-	...	...
Glândulas congeladas	42	11	-	...	...
Madeiras	37	-	14	...	...
Manteiga de cacau	43	21	21	...	...
Mentol	206	24	31	...	...
Óleo de amendoim	-	-	1.204	...	...
Óleo de eucalipto	30	2	8	...	...
Óleo de hortelã	31	3	10	...	...
Óleo de mamona	6.422	1.087	769	...	...
Óleo de sassafrax	40	11	7	...	...
Óleo de tungue	116	-	-	...	...
Ossos	461	82	119	...	...
Peles silvestres	98	20	17	...	...
Resíduos de fiação	188	36	-	...	...
Resíduos de raion	23	-	170	...	...
Sangue seco	908	202	439	...	...
Tecidos de algodão	160	202	45	...	...
Torta de amendoim	5.468	4.861	447	...	...

**Importações do EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS**  
( toneladas )

33

PRODUTOS	1951			PRODUTOS	1951		
	Jan/Jul.	agosto	setb°.		Jan/Jul.	agosto	setb°.
<b>ADUBOS</b>				<b>GENEROS ALIMENTICIOS</b>			
Cloreto de potassio	20.607	1.129	2.451	Gravo	9	-	1
Fosfato	30.100	12.147	9.002	Damaseo	9	5	-
Sulfate	6.982	1.772	4.000	Ervilha	521	41	26
Sulfato de amonio	8.671	2.169	1.704	Exj. tomate	2.039	-	-
Sulfato de potassio	507	202	298	Figo seco	11	-	-
Superfosfato	41.927	22.171	1.700	Fruta enlatada	131	-	-
Hiperfosfato	...	...	8.700	Grão de bico	401	38	39
Adubos quimicos n.o.	2.261	700	937	Leite em pó	410	75	413
<b>ARAMES E GRAMPOS</b>				Lentilha	60	-	-
Arame Farpado	16.617	2.375	614	Maçã	18.563	3.215	3.605
Grampos p/cerca	510	114	54	Melão fresco	146	27	403
<b>BEBIDAS</b>				Roz e/casca	149	-	-
Aguardente	44	3	0	Peixe	110	12	1
Champanha	169	22	-	Pera	6.698	122	380
Uisque	697	149	88	Perú congelado	-	-	35
Vinhos	5.457	603	909	Passoço fresco	328	-	-
Bebidas n.o.	275	26	0	Pimenta em grão	247	22	19
<b>FERRAMENTAS</b>				Queijo	-	0	-
Enxadas	33	-	-	Tomate	248	19	-
Foices	35	2	5	Uva fresca	4.012	213	549
Machados	532	24	26	Uva passa	143	27	36
<b>FIBRAS E FIOS</b>				<b>OLEOS E Gorduras Vegetais</b>			
Fibra Canhamo	215	-	37	Azeite de Oliva	2.767	391	813
Fibra Linho	70	47	85	Óleo de pinho	56	3	3
Fio algodão	139	17	9	<b>MADEIRAS</b>			
Fios canhamo	110	5	5	Madeiras n.o.	112	-	-
Fios lã	1.516	213	87	<b>MAGUNAS</b>			
Fios linho	729	172	91	Tratores e pertences	10.586	2.337	1.173
Fios raion	119	15	77	<b>PRODUTOS DE HERVANIA E</b>			
Juta	6.453	414	303	<b>SEMENTES</b>			
lã	1.196	44	-	Alpiste	218	-	23
<b>GENEROS ALIMENTICIOS</b>				Jarina	28	-	-
Alho	2.003	160	190	Lúpulo	385	2	12
Ameixa fresca	1.065	60	346	Palha de Guiné	46	-	40
Ameixa seca	291	48	16	Sem. de flores	4	2	0
Amendoa	53	2	15	Sem. de hortaliças	37	-	3
Anchova	69	-	24	<b>PRODUTOS QUIMICOS</b>			
Azeítone	5.594	665	1.097	L.D.P em pó	467	90	25
Aviã	2.100	209	495	Fungicidas	44	27	28
Avelã	20	1	1	Hexacloreto de benzene	564	184	808
Bacalhau	8.515	687	666	(:) Inseticidas	2.250	535	12.204
Batata ( e semente )	3.234	-	1.587	Glucosaminas	8	0	1
Canola	47	-	2	<b>TRIGO E FARINHA DE</b>			
Castanha	-	-	-	<b>TRIGO</b>			
Cevada	6.142	809	1.715	Farinha de trigo	15.643	-	3
Condimento	94	-	-	Trigo em grão	308.221	22.841	38.139
Conserva alimenticia	166	-	-				

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural com dados de "DIARIO DO COMÉRCIO" da Associação Comercial de São Paulo.

(3) Sujeito a retificações



SECRETARIA DA AGRICULTURA  
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE S. PAULO  
 EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS E MUNICÍPIOS

1950

**LEGENDA**

- ⊙ SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- ⊙ SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- DIVISÃO DE SETORES
- - - DIVISÃO DE REGIÕES
- DIVISÃO DE MUNICÍPIOS